

NOTAS SOBRE *WHITEMAN*: O INDIVÍDUO AUTORITÁRIO NO TRAÇO DE ROBERT CRUMB

*Felipe Serafim Vieira*⁵⁵

Resumo

Estas notas foram pensadas como uma análise da personalidade autoritária por meio da história de Whiteman, do quadrinista Robert Crumb. A história de Whiteman, escrita e desenhada por Crumb, demonstra vários dos aspectos anteriormente já teorizados por Theodor Adorno, quando este se debruça sobre a questão da formação danificada do indivíduo no capitalismo tardio. Temas clássicos dos estudos adornianos são abordados brevemente como o significado de sociedade falsa, a dinâmica entre necessidade e satisfação, bem como a formação do preconceito.

Palavras-chave: Adorno; Crumb; indivíduo; personalidade autoritária; teoria crítica

NOTES ON WHITEMAN: THE AUTHORITARIAN INDIVIDUAL BY ROBERT CRUMB

Abstract

These notes are intended as an analysis of authoritarian personality through the story of Whiteman, by comic book artist Robert Crumb. The story of Whiteman, written and drawn by Crumb, demonstrate many of the previously aspects already theorized by Theodor Adorno, when he focuses on the question of the damaged formation of the individual

55 Mestrando em Filosofia do PGFILOS/UFPR na área de Teoria Crítica, com ênfase em estética e política, atuando principalmente nos seguintes temas: Adorno, Benjamin, Paulo Arantes, Teoria crítica da arquitetura e Filosofia política. Integrante do Grupo 'Política na Era da Emergência'. E-mail: felipesfvieira@gmail.com

in late capitalism. Classic themes of Adornian studies are briefly addressed, such as the meaning of false society, the dynamics between need and satisfaction, as well as the formation of prejudice.

Keywords: Adorno; Crumb; individual; authoritarian personality; critical theory

*In all congested areas
bodies wander about
with something to do.
Behind the thinker's brow
revolutionizing plans.
They concern elections lists,
extra-marital opportunities,
wig shops.*

Enzensberger, *Rush-hour Traffic*

Já era depois do fim do mundo, mas o cartunista Robert Crumb coloca em seu quadrinho *Whiteman* (1971) o subtítulo “Uma história sobre a civilização em crise”. Civilização, se seguirmos a tradição dialética, já é barbárie e, se está em crise, significa possibilidade de abertura, alternativas de pensamento para sua resolução, ou ainda, horizonte de expectativa desbloqueado. A América de Crumb não parece se aproximar dessas acepções. De notável misantropia, o quadrinista *underground* americano mostra por vezes uma inclinação conservadora no sentido em que faz uma crítica demolidora do progresso moderno, mas que de fundo quer uma volta ao passado como utopia retrospectiva. Isso para dizer que esse subtítulo “civilização em crise” tenha sido colocado com certa dose de cinismo, tendo em vista a forma pelo qual aquela sociedade era retratada em seus quadrinhos.

Quanto ao “herói” da história em questão, *Whiteman*, vemos o esforço de Crumb para pintar o retrato do típico homem branco da classe média nos Estados Unidos do pós-guerra. *Whiteman* carrega em si certa dose de ressentimento: “Eu tentei! Deus sabe que eu tentei” ele diz enquanto faz uma expressão de angústia ao caminhar pela cidade grande e movimentada. Mas, de certa forma, *Whiteman* ainda compra certa esperança vendida em lata, já que “*Whiteman* sempre mantém o cabelo arrumado” e “*Whiteman* usa desodorante proteção 24 horas”. No entanto, se trata apenas de aparência. Num dos quadrinhos vemos nosso “herói” babando, olhos arregalados, cabelo desarrumado, revelando o que é que ele quer no final das contas: “Sexo! Sou tão viril! Eu leio *playboy*! Sou fodão!”. A astúcia de Crumb está em mostrar ao leitor que mesmo essa sociedade da abundância de mercadorias, usadas como contentores de pulsões destrutivas contra essa mesma sociedade, no seu limite, quando se trata de sua mercadoria mais bem-acabada - *Whiteman*, o indivíduo massificado - ela não consegue cumprir com o que oferece. Em outras palavras: estelionato social.

“Preciso manter o controle... sou um homem maduro! Um adulto inteligente! Com responsabilidades!”. Whiteman é um indivíduo que poderíamos dizer ser “bem ajustado”. Ele não aparenta ter sofrimento, ele conhece seus deveres e o faz tendo um norte concreto: “Sou um AMERICANO!” e continua “um cidadão dos ESTADOS UNIDOS!”. Essas duas falas encontram-se em quadros diferentes. No primeiro o plano de fundo apresenta a Casa Branca junto de uma bandeira dos Estados Unidos, já no segundo vemos casas típicas de um bairro residencial de classe média, mas com caças sobrevoando-as; em ambos os quadros nosso herói tem um semblante altivo, confiante. O cenário proporcionado pelo seu país natal é o que lhe dá o sustento para tal semblante. Mas não se trata apenas de feições, Crumb também marca o fim de todas as suas falas com um ponto de exclamação. Tudo o que Whiteman fala é testamental.

Breve *detour*: Um exemplo distante pode nos ajudar a contrastar essa posição – mesmo que ela já seja apresentada por Crumb de forma a ser ridicularizada – e ele vem de um desenho de Paul Klee chamado “Também ‘ELE’ um Ditador”⁵⁶. Exibido na exposição “Equilíbrio instável”, no CCBB de São Paulo, em 2019, a figura nariguda, calva, de barba grossa que compõe com o largo dorso um corpo que quase não dá espaço às pernas, aponta com um braço esguio para uma exclamação. O gesto com o dedo indicador para baixo é daquele de quem manda. Daquele que mesmo sem dizer uma palavra poderia impor sua ordem fazendo prevalecer sua vontade. “Faça! Ande! Espere!” Os verbos no imperativo fazem de sua fala um ritmo de *staccato*, isto é, a articulação entre o que vem antes e depois é precária⁵⁷, ele faz da sua linguagem um meio sem fim. O ditador de Klee não abre margem para questionamentos, não concede tempo para o exercício do pensamento, não projeta a longo prazo (ELE sabe que suas exigências são poderosas, mas também sabe que tem fôlego curto). ELE, o ditador de Klee, só o que faz é acumular ruínas, seu poder é maior assim. “Menos Proust, mais engenheiros!” poderia ser uma fala emprestada à ELE.

É oportuno lembrar o curioso texto de Adorno intitulado “Sinais de pontuação”, onde ensaia possíveis significados literários para pontuação textual para além de seu caráter técnico. Sobre a exclamação, Adorno a associa ao sinal vermelho de trânsito e, em outro momento, a associação é feita com a música: “Pontos de exclamação são como silenciosos golpes de pratos”. Adiante, ele dedica um fragmento exclusivo para exclamação:

56 Auch “ER” Dictator, 1933, Lápis sobre papel cartão, Berna – Suíça, Zentrurn Paul Klee.

57 Faço o desígnio de “precária” pois é necessário se atentar para a dinâmica (volume), em termos musicais, isto é, haveria uma linha de continuidade da articulação entre as notas ao redor do volume. O que ocorre em *staccato* é uma interrupção de som, mas há continuidade no sentido harmônico, e na articulação haveria uma continuidade da dinâmica. Feita tal ressalva, não vejo prejuízo no sentido metafórico empregado.

A essência histórica dos sinais de pontuação vem à luz no modo como, neles, o que se torna obsoleto é justamente o que um dia foi moderno. Pontos de exclamação tornaram-se insuportáveis como gestos de autoridade, com os quais o escritor pretende introduzir, de fora, uma ênfase que a própria coisa não é capaz de exercer [...]. Os pontos de exclamação, porém, degeneraram em usurpadores de autoridade, asserções de importância.⁵⁸

A partir desse trecho vemos como a exclamação, ou o gesto exclamatório, busca emprestar uma força que aquele que o enuncia não tem. Negativamente, podemos pensar, é índice de fraqueza. No desenho de Klee as pernas diminutas do Ditador representam sua frágil sustentação àquilo que seu gesto pretende aludir e, adiante, veremos como o traço de Crumb faz o mesmo, ao seu modo.

Whiteman tem o ditador de Klee dentro de si. No entanto, esse impulso imperativo vacila, afinal, o ditador é grande e pequeno ao mesmo tempo. Nos quadros seguintes o vemos falando coisas do tipo: “Preciso manter esta postura rígida ou tudo está perdido!” e mais adiante “Ufa! É uma tarefa pesada! Pode crer! Me dá dor de cabeça! Meus intestinos se recusam a funcionar... as entranhas pegam fogo... indigestão... azia...”. A estabilidade mental exigida para a postura do Whiteman lhe confere sofrimento físico; o valor a se pagar pela sua inscrição na sociedade é muito alto. Quando chega o momento de se impor diante de uma mulher que ele acha bonita, Whiteman fraqueja⁵⁹: “Não é à toa que meus nervos estão em frangalhos! Acho que vou voltar pro carro. Eu tentei... Deus sabe que eu tentei...” Nesse momento sua altivez vai embora; aquilo que a sociedade lhe prometeu ele, enquanto indivíduo, não consegue cumprir, disso decorre seu sofrimento, seu desalinho.

Foi possível observar, anteriormente, como aquilo que Whiteman realmente queria era sexo, agora, com sua mudança de postura, ele nos revela algo ainda mais enfático: ele quer matar. Em meio ao trânsito infernal da cidade grande (buzinas, xingamentos, motores barulhentos compõe o cenário), carregado de frustrações, já que as carências impostas à ele têm uma meta impossível de ser atingida, Whiteman fala da vontade de matar como uma paixão proibida, horrível e impensável: “Destruir. Cortar, Fatiar. Mutilar.” No cenário do engarrafamento

58 ADORNO, Theodor. **Notas de literatura I**. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2012.

59 Uma série de mediações seriam necessárias para associar a construção do personagem de Crumb e a personalidade autoritária no Brasil em 2022, mas de forma estrutural não é difícil traçar um paralelo, ao menos nesse ponto, entre Whiteman e o Presidente Bolsonaro que, em discurso de campanha no feriado da Independência do Brasil puxa o coro de “Imbrochável! Imbrochável! Imbrochável!” referindo-se a si mesmo diante da massa, mas, ao mesmo tempo, além de já ter admitido, em entrevista à Revista Playboy no ano de 2011 que brochou, sua atual esposa, Michelle Bolsonaro, falou como desejava que seu marido tivesse mais “energia dentro de casa”, bem como o “personagem” que ele encarna em público. Entre o indivíduo como Whiteman e o homem que ocupa o maior cargo do poder executivo do Brasil há uma imensidão, mas sua identificação com o fato de se demonstrar forte e fraco ao mesmo tempo é relevante ao pensar no tipo de avaria que seu aparelho psíquico passa para poder se ajustar.

essa sua atitude ganha contornos ainda mais dramáticos, sobretudo pensando na forma que Adorno pensa o indivíduo dessa sociedade americana: enquanto mônada:

É na perseguição dos interesses absolutamente particulares de cada indivíduo que se pode estudar com a maior exatidão possível a essência do coletivo na sociedade falsa, e pouco falta para que se tenha de conceber, desde o começo a organização dos impulsos divergentes, sob o primado de um Eu ajustado ao princípio de realidade [...]. Basta observar uma vez essas emoções, pelas quais o indivíduo se afirma energicamente contra o ambiente em que se insere, por exemplo, a cólera. O encolerizado aparece sempre como o chefe de quadrilha de si mesmo, que dá a seu inconsciente a ordem de cair de pancadas e em cujos olhos brilha a satisfação de falar pelos muitos que ele próprio é. Quanto mais alguém toma para si o partido da agressão, tanto mais perfeitamente representa o princípio repressivo da sociedade. Nesse sentido, mais talvez do que em qualquer outro, é válida a afirmação de que o mais individual é o mais universal.⁶⁰

O trecho acima foi extraído do aforisma intitulado *Plurale tantum*, expressão latina para se referir aos substantivos que se encontram apenas no plural (núpcias, óculos, etc.); a astúcia de Adorno ao escolher esse título é mostrar como o indivíduo encolerizado – que poderia muito bem ser o personagem de Crumb – não é um caso isolado, ele só é possível se forem muitos⁶¹. O Eu ajustado ao princípio de realidade não deveria, em si, representar um problema para Adorno, mas essa realidade é a da sociedade falsa, isto é, aquela que gera um curto-circuito entre necessidade e satisfação entre seus indivíduos. Como essa sociedade falsa também se impõe como totalidade (falsa), ela sempre deixará algo escapar, algum tipo de resto, suas patologias, ou, como é colocado acima, na forma de impulsos divergentes. É por essa via (engarrada) que Whiteman revela o índice do falso na sociedade. Sua cólera é a demonstração do tipo de constituição subjetiva funcional dessa sociedade, funcionalidade baseada no sacrifício do indivíduo em nome de sua sobrevivência enquanto massificado, por isso nunca pode ser apenas um, seu desenvolvimento é sistêmico.

Vamos voltar para o nosso herói, Whiteman, e ver como é o desfecho de sua história. Com uma aparente quebra de expectativa,

60 Ibidem. **Minima Moralia: Reflexões a partir da vida danificada**; Trad. L. E. Bicca. – 2ª Ed. - São Paulo: Editora Ática, 1993.

61 O argumento desenvolvido por Adorno, o de que esse indivíduo não pode ser um caso isolado, ou seja, um louco ou burro, é retomado em sua palestra de 1967 *Aspectos do novo radicalismo de direita*, onde afirma que essas acusações – de loucura e burrice – não passam de velhos argumentos liberais que procuram encontrar déficits de racionalidade e de cognição, isto é, querem dizer que esse indivíduo é um desajustado, enquanto que o argumento adorniano demonstra como as tendências concretas do desenvolvimento capitalista é que o geram racionalmente. Em resumo: o argumento que faz acusações de irracionalidade não passa de um “consolo quietista burguês” (ADORNO, 2020, p. 50).

Whiteman não leva às últimas consequências seu desejo de assassinio. Ele é um indivíduo da sociedade totalmente administrada, afinal. O consumo desloca seus impulsos. Ele toma uns tragos, sente-se feliz, pensa em voltar para casa assistir o jornal da noite para finalizar seu dia. No meio do caminho ele é interrompido; alguns garotos, todos negros, o interpelam na rua. Nosso herói agora nos revela algo ainda pior que seus impulsos descontrolados por sexo e sangue, ele agora demonstra medo: “Não posso suportar... e se alguém me vir neste estado? Neste estado de MEDO!” ele confessa. Mas os garotos não vêm para assaltá-lo ou lhe desferir pancadas, eles até o acoçam, mas explicam que estão indo ao desfile e que Whiteman é como qualquer um deles, ele é, afinal, “um produto legítimo da Grande Depressão”, um estropiado. Sua história termina com o questionamento de se deve ou não se juntar ao desfile, mas sem nenhuma certeza: “Ah, quem sabe um dia!”.

Lembremos que a questão sobre o medo é central para Adorno e Horkheimer na *Dialética do Esclarecimento*, no sentido de que o projeto do esclarecimento é também um projeto para se livrar do medo. Partindo de um projeto antropológico mais amplo – do qual seu desenvolvimento extrapola os limites do presente artigo – em que a mera possibilidade de inscrição dos indivíduos no social depende de seu próprio sacrifício enquanto indivíduo, já que a norma geral desse social é a possibilidade de ser equivalente a tudo e a todos de acordo com grandezas abstratas, faz dele algo débil, enrijecido, avariado como se fosse mais uma peça da maquinaria. O sofrimento desse indivíduo não se restringe ao âmbito fisiológico. Também o psicológico – não à toa o recurso à psicanálise freudiana é oportuno, já que fala em um *aparelho psíquico* – é submetido à essa regra de trocas universais (notoriamente é a teoria do valor de Marx que está em operação) quando a expressão *Taylorismus des Geistes*, um taylorismo do espírito, é usada para designar uma homogeneização da atividade intelectual (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 199).

Mas o que esse sacrifício e esse sofrimento imposto ao indivíduo têm que ver com a questão sobre o medo? Ora, a forma como se lida com o medo na sociedade é o passo seguinte a ser pensado após a inscrição social, isto é, baliza a manutenção do indivíduo vivendo em sociedade. A contribuição específica contida na *Dialética do Esclarecimento*, bem como na *Minima Moralia* de Adorno, é que o medo não é encarado apenas na sua dimensão afetiva, mas na sua dimensão moral. Em princípio, medo é medo diante do desconhecido, do infamiliar, e, num sistema capitalista que reduz tudo ao seu valor de troca, isto é, sua capacidade de ser intercambiável por valores abstratos, esse problema estaria resolvido, já que a possibilidade de ser trocado inclui a capacidade de ser reconhecido – ao menos no âmbito da troca. Mas como essa imposição de totalidade pela universalização da troca é ainda ideologia, sua subsunção total é irrestrita sobre a realidade não é possível, ela deixa restos. No que concerne ao indivíduo (avariado, danificado, de pensamento enrijecido pelo alto custo que foi se inscrever socialmente) sua manutenção nesse sistema se torna problemática.

“A inteligência é uma categoria moral” (ADORNO, 1993, p. 173). Apesar do procedimento dialético de pensamento ter algo de sacrificial⁶², tendo em vista seu primado do objeto, a capacidade de julgar é capacidade de se afastar dessa existência que danifica os indivíduos, isto é, dá margem para inteligência se afastar do já conhecido, justamente aquilo que está enlaçado pelo supereu formado pelo social. Portanto, a moralidade dessa vida falsa, nos termos de Adorno, isto é, sua organização taylorista que soçobra qualquer possibilidade de autonomia, pode ser combatida pela inteligência, de modo que:

Contra a cisão do pensamento não adianta a síntese dos departamentos psíquicos tornados estranhos uns aos outros, nem a mistura terapêutica da *ratio* com fermentos irracionais, mas a auto-reflexão sobre o elemento de desejo que, de maneira anti-tética, constitui o pensamento enquanto pensamento.⁶³

Adorno conclui esse aforismo apontando que a tarefa do pensamento é a dissolução do modo puro desse desejo, ou seja, destituído da ideologia como apontada acima. Dito de outra maneira: há um caráter coercitivo na continuidade dessa ideologia e quebrar com ele é uma tarefa moral da inteligência que precisa vencer o medo. A falha dessa tentativa é o que vemos acontecendo com Whiteman. Voltemos para sua saga.

Omitimos propositadamente uma fala de Whiteman, logo no início da história, mas que é de suma importância para abordarmos uma preocupação adorniana relativa aos assuntos dos *Estudos sobre a personalidade autoritária*, embora ela se encontre mais explicitamente em seu texto (originalmente uma palestra apresentada nos Estados Unidos) chamada *Liderança democrática e manipulação de massas* (1951), um dos poucos trabalhos de Adorno originalmente em inglês e que visava, justamente, apresentar alguns pontos do grande livro escrito em conjunto com os pesquisadores de Columbia. Com efeito, a fala anteriormente omitida se encontra assim: “Acho que definitivamente preciso de algum tipo de tratamento!”. Apesar desse lapso de consciência, o que vimos ao longo de sua história foram as frustrações consequentes de postura diante das exigências da sociedade. Whiteman não é do tipo que vai ao analista.

De acordo com Adorno, o herói de Crumb seria portador de uma síndrome de caráter, sua dificuldade de tratamento reside justamente no fato de que seus portadores são avessos à busca de se tratamento:

[...] essas pessoas têm de defender seu próprio preconceito, dado que ele satisfaz numerosas funções, que variam desde uma pseudointelectual, o fornecimento de fórmulas fáceis e

62 Cf. Felipe Catalani, *Filosofia moral no mundo do pós-guerra: estudo sobre Adorno*. Dissertação de mestrado, USP, 2019. p. 136-137.

63 ADORNO, Theodor. *Minima Moralia: Reflexões a partir da vida danificada*; Trad. L. E. Bicca. – 2ª Ed. - São Paulo: Editora Ática, 1993. p. 174

uniformes para a explicação de todo o mal que existe no mundo, até a criação de um objeto para catexa negativa, de um catalisador da agressividade. [...] não parece provável que elas vão se emancipar de uma fixação em satisfazer esse objetivo que é determinada pela estrutura interna de sua personalidade, muito mais do que por esse objetivo.⁶⁴

A postura colérica, de início, e preconceituosa, ao final, são para Whiteman uma forma de estar em pé de igualdade com o princípio de realidade. O problema está em que, justamente, por ser *Plurare tantum*, que essa postura costura a base de apoio ao autoritarismo fascista na sociedade.

Vale dizer que, num raro momento propositivo de Adorno, ele ensaia uma possibilidade de transformação a partir desse indivíduo portador da síndrome de caráter. De acordo com o frankfurtiano a estrutura do preconceito nunca é apenas preconceito em si, mas sempre preconceito de algo. Seria, portanto, uma questão de deslocar o alvo do preconceito para que a alteração substancial ocorresse:

O mecanismo projetivo ao qual o indivíduo se encontra sujeito pode ser desviado de acordo com o princípio da menor resistência e as oportunidades oferecidas pela situação em que ele se encontra. [...] Dizemos apenas que a casualidade, arbitrariedade e debilidade do objeto escolhido *per se* podem ser transformadas em uma força com a qual se poderia fazer que esses sujeitos de mente antisemita duvidassem de sua própria ideologia. Quando eles aprenderem que quem eles odeiam é menos importante do que o fato de que eles odeiam alguma coisa, seus egos poderiam deixar de lado o ódio e, por aí, poderia ser que a intensidade de sua agressividade diminuísse. Nossa intenção é usar a mobilidade do preconceito para dominá-lo.⁶⁵

De certa forma, vimos um vislumbre disso no desfecho da história de Whiteman. Seu desejo de matar poderia ser consumado com algum daqueles garotos negros que o abordaram, mas eles o fazem se deslocar de posição, isto é, Whiteman reconhece que, ao fim e ao cabo, talvez não faça sentido manter sua postura naquela sociedade. É certo que Crumb para por aí, é possível que uma continuação onde seu herói se torna um indignado com o sistema e descobre como é a estruturação daquela sociedade que o condena ao sofrimento psíquico inevitável, soasse um clichê moralista que não é bem do seu feitio. Mas é justamente nessa sua *minima moralia* – a de Crumb, não a de Adorno – que reside uma possibilidade de abertura. O “desfile” que os garotos negros anunciam para Whiteman é um possível momento de inversão de poderes, destituição de valores estabelecidos, o momento de ver a banda passar.

64 Idem. Ibidem. https://aterraedonda.com.br/lideranca-democratica-e-manipulacao-de-massas/?no_cache=1&fbclid=IwAR25_QkYwxuYXlaO5Q4O6pKz03q5Dis9sbv9sPGzLLPgL8dA6CV4B6oP100

65 Idem. Ibidem.

Referências

ADORNO, Theodor. **Aspectos do novo radicalismo de direita**. São Paulo: Editora UNESP, 2020.

_____. **Estudos sobre a personalidade autoritária**. São Paulo: Editora UNESP, 2019.

_____. **Gesammelte Schriften in 20 Bd.** Frankfurt am Main: Surhkamp, 1997.

_____. “Liderança democrática e manipulação de massas”. Disponível em: <https://aterraeredonda.com.br/lideranca-democratica-e-manipulacao-de-massas/?no_cache=1&fbclid=IwAR2s_QkYwxuYXlaO5Q4O6pKz03qsDis9sbv9sPGzLLPgL8dA6CV4B6oP1oo>. Acesso em: 30 de julho de 2022

_____. “Sinais de pontuação” in **Notas de literatura I**. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2012.

_____. **Minima Moralia: Reflexões a partir da vida danificada**; Trad. L. E. Bicca. - 2ª Ed. - São Paulo: Editora Ática, 1993.

_____.; HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento: Fragmentos filosóficos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

BERGAMO, Monica. **Bolsonaro disse à Playboy que já ‘brochou’**. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/monicabergamo/2022/09/bolsonaro-disse-a-playboy-que-ja-brochou.shtml>>. Acesso em: 20 de outubro de 2020

CATALANI, Felipe. **Filosofia moral no mundo do pós-guerra: estudo sobre Adorno**. Dissertação de mestrado, USP, 2019.

CRUMB, Robert. “Whiteman” in **América**. São Paulo: Conrad, 2010